

# Turismo, Cidades, Colecionismo e Museus

William Cleber Domingues Silva  
(Organizador)



**Atena**  
Editora

Ano 2021

# Turismo, Cidades, Colecionismo e Museus

William Cleber Domingues Silva  
(Organizador)



**Atena**  
Editora

Ano 2021

**Editora Chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Assistentes Editoriais**

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

**Bibliotecária**

Janaina Ramos

**Projeto Gráfico e Diagramação**

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

**Imagens da Capa**

Shutterstock

**Edição de Arte**

Luiza Alves Batista

**Revisão**

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

**Conselho Editorial**

**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Instituto Internazionele delle Figlie di Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido

Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília

Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina

Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília

Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina

Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra

Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras

Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria

Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia

Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco

Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará

Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí

Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas

Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará

Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá

Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados

Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino

Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora

Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná

Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá  
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná  
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobbon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí  
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais  
Prof. Me. Alessandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional  
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa  
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia  
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais  
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco  
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar

Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná  
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas  
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília  
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa  
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia  
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases  
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina  
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil  
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita  
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás  
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí  
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein  
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás  
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora  
Prof. Me. Fabiano Eloy Atílio Batista – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas  
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará  
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo  
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária  
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás  
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina  
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza  
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College  
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará  
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social  
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe  
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay  
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco  
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás  
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFGA  
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis

Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR  
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará  
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ  
Profª Drª Livia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe  
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná  
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz  
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas  
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos  
Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo  
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior  
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo  
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará  
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie  
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa  
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba  
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco  
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão  
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo  
Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana  
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo  
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

## Turismo, cidades, colecionismo e museus

**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira  
**Bibliotecária:** Janaina Ramos  
**Diagramação:** Luiza Alves Batista  
**Correção:** Kimberly Elisandra Gonçalves Carneiro  
**Edição de Arte:** Luiza Alves Batista  
**Revisão:** Os Autores  
**Organizador:** William Cleber Domingues Silva

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

T938 Turismo, cidades, colecionismo e museus / Organizador  
William Cleber Domingues Silva. – Ponta Grossa - PR:  
Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-942-4

DOI 10.22533/at.ed.424213103

1. Turismo. I. Silva, William Cleber Domingues  
(Organizador). II. Título.

CDD 338.4791

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

**Atena Editora**

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

contato@atenaeditora.com.br

## DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

## APRESENTAÇÃO

A coleção “Turismo, cidades, colecionismo e museus” é uma obra que tem como foco principal a discussão científica por intermédio de trabalhos diversos que compõem seus capítulos. O volume apresenta relevantes investigações científicas relacionadas ao tema proposto pelo livro.

O objetivo central foi apresentar de forma objetiva e atual estudos desenvolvidos em diversas instituições de ensino e pesquisa do Brasil, Portugal e Equador. Os trabalhos que compõem esse volume abordam possíveis relações existentes entre os temas que nortearam as contribuições dos autores: turismo, cidades, colecionismo e museus.

O surgimento e avanço da crise sanitária mundial provocada pela pandemia COVID 19 bem como seus impactos no setor de turismo, nas cidades e nos museus também despertaram relevantes reflexões dos autores.

Temas diversos e interessantes são, deste modo, discutidos aqui com a proposta de disseminar o conhecimento científico desenvolvido por profissionais de turismo e áreas afins atuantes em diferentes regiões do Brasil e do mundo.

Desta forma destaca-se que o título “Turismo, cidades, colecionismo e museus” é uma obra direcionada a profissionais e acadêmicos de diferentes áreas do conhecimento humano. O livro apresenta em seus capítulos temas relevantes para os interessados em se atualizarem em assuntos debatidos pelas ciências sociais aplicadas.

Finalizando considera-se relevante registrar o importante papel desempenhado pela Atena Editora enquanto plataforma capaz de oferecer a pesquisadores e leitores um espaço adequado para apresentação, divulgação e publicação de pesquisas científicas no Brasil.

Desejamos a todos uma excelente viagem!

William Cleber Domingues Silva

## SUMÁRIO

### **CAPÍTULO 1..... 1**

TURISMO E VIAGENS CULTURAIS *ON-LINE* EM TEMPOS DE PANDEMIA: UM ESTUDO DE BASE ETNOGRÁFICA SOBRE O PROJETO VIAJAR DE CASA

Karla Estelita Godoy

**DOI 10.22533/at.ed.4242131031**

### **CAPÍTULO 2..... 23**

INCENTIVOS FINANCEIROS DESTINADOS AO DESENVOLVIMENTO DO TURISMO NO ESTADO DE SÃO PAULO

Aracelis Gois Morales Rigoldi

Graziela Oeste Graziano Cremonesi

Valéria Rueda Elias Spers

Marli Terezinha Vieira

Angélica Gois Morales

**DOI 10.22533/at.ed.4242131032**

### **CAPÍTULO 3..... 38**

DESAFIOS DA POLÍTICA NACIONAL DE TURISMO: O IMPACTO DA LEI GERAL DO TURISMO NO PROGRAMA DE REGIONALIZAÇÃO

Giovanna Adriana Tavares Gomes

Elaine Gomes Borges da Silva

Jane Márcia do Nascimento Teixeira Scorzelli

**DOI 10.22533/at.ed.4242131033**

### **CAPÍTULO 4..... 55**

O TURISMO DE INTERESSES ESPECIAIS EM ESPAÇO RURAL: POSSIBILIDADES PARA A ATIVIDADE TURÍSTICA PÓS-COVID-19

Carla Oliveira Brito

Janine Santos de Sousa

Sara Caroline Chagas dos Santos

Natalia Silva Coimbra de Sá

**DOI 10.22533/at.ed.4242131034**

### **CAPÍTULO 5..... 73**

A CIBERMUSEALIZAÇÃO: O OBJETO MUSEOLÓGICO EM DOIS MUSEUS VIRTUAIS BRASILEIROS

Rosali Henriques

Rafael Chaves

**DOI 10.22533/at.ed.4242131035**

### **CAPÍTULO 6..... 84**

ANOTHER TOURISM IS POSSIBLE: THE SOCIAL AND SOLIDARITY ECONOMY COMMUNITY TOURISM IN AGUA BLANCA

Lucia Dolores Loor Bravo

**DOI 10.22533/at.ed.4242131036**

<b>CAPÍTULO 7.....</b>	<b>95</b>
O MARKETING TURÍSTICO DA EMPRESA BRASILEIRA DE TURISMO (EMBRATUR) E A CONCEPÇÃO DE “MULHER BRASILEIRA” EM TERRAS ESTRANGEIRAS COMO MULATAS	
Crislaine Custódia Rosa Kerley dos Santos Alves	
<b>DOI 10.22533/at.ed.4242131037</b>	
<b>CAPÍTULO 8.....</b>	<b>109</b>
QUESTÕES EPISTEMOLÓGICAS: PARA UMA COMPREENSÃO DO TURISTA HÍBRIDO	
Helio Fernando Lôbo Nogueira da Gama	
<b>DOI 10.22533/at.ed.4242131038</b>	
<b>CAPÍTULO 9.....</b>	<b>123</b>
WALKING TOUR COMO FERRAMENTA DE POTENCIALIZAÇÃO DA VISITAÇÃO EM DESTINOS TURÍSTICOS PÓS PANDEMIA	
Carla Nou Levita Jaime José da Silveira Barros Neto	
<b>DOI 10.22533/at.ed.4242131039</b>	
<b>CAPÍTULO 10.....</b>	<b>135</b>
A QUESTÃO DA HOSPITALIDADE FACE A NOVA COEXISTÊNCIA CULTURAL NO TERRITÓRIO EUROPEU CONTEMPORÂNEO: DESAFIOS PARA O FAZER TURISMO	
Eduardo Taborda de Jesus Flavia de Brito Panazzolo	
<b>DOI 10.22533/at.ed.42421310310</b>	
<b>CAPÍTULO 11.....</b>	<b>152</b>
RESORTS BRASILEIROS: DESCRIÇÃO DO DESEMPENHO DAS VENDAS ENTRE 2016 E 2017, ATRAVÉS DA TAXA DE OCUPAÇÃO, RECEITA MÉDIA E TREVPAR GERAIS E SEGMENTADOS POR AMBIENTE GEOGRÁFICO	
Antonio Carlos Bonfato	
<b>DOI 10.22533/at.ed.42421310311</b>	
<b>CAPÍTULO 12.....</b>	<b>177</b>
CARTOGRAFIA DO TURISMO: ÓTICA GEOTURÍSTICA E GESTORA DO MUNICÍPIO DE BELÉM – PARÁ	
Lucas Daniel Noronha Ferreira Mozart dos Santos Silva Erick Peuriclepes Rodrigues da Silva Dickson Weverton Sobral de Souza Arthur Jeronimo Santana Aragão Mayara Cobacho Ortega Caldeira Carlos Rodrigo Tanajura Caldeira Anna Júlia Souza Dias Wallace Douglas da Cruz Santos Marcos Gabriel Silva e Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.42421310312</b>	

<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>190</b>
A FERRAMENTA DE ANÁLISE DE DADOS <i>BIG DATA</i> , SEUS USOS NO TURISMO E UMA PROBLEMATIZAÇÃO SOBRE AS POSSIBILIDADES DE SEU USO EM FOZ DO IGUAÇU	
Alfredo Brito Aguiar Andressa Szekut	
<b>DOI 10.22533/at.ed.42421310313</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>211</b>
ACESSIBILIDADE E PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO TEATRO AMAZONAS - IMPLICAÇÕES PARA O TURISMO	
Marklea da Cunha Ferst Helen Rita Menezes Coutinho Lucia Claudia Barbosa Santos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.42421310314</b>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>230</b>
ANÁLISE DA GOVERNANÇA EM UMA EXPERIÊNCIA DE TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA: APLICAÇÃO DO MODELO MAG DO TBC À ADESCO	
João Gabriel Barrêto Pereira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.42421310315</b>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>247</b>
TURISMO, PONTA DO CORUMBAU, PROGRESSO E SUSTENTABILIDADE: UMA PESQUISA DE FENÔMENO SITUADO	
Hélio Fernando Lôbo Nogueira da Gama	
<b>DOI 10.22533/at.ed.42421310316</b>	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>263</b>
COMUNIDADE QUE SUSTENTA A AGRICULTURA - PERSPECTIVA DO TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA E DA SUSTENTABILIDADE: UM ESTUDO DE CASO DA COMUNIDADE PÉ NA TERRA DE BRASÍLIA	
Juzânia Oliveira da Silva Brandão	
<b>DOI 10.22533/at.ed.42421310317</b>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>278</b>
DIAGNÓSTICO DO TURISMO NO DISTRITO DE ITAIACOCA, PONTA GROSSA-PR: ESTUDO TEÓRICO PRELIMINAR PARA O PLANEJAMENTO DO TURISMO SUSTENTÁVEL LOCAL	
Luiz Fernando de Souza Natali Calderari	
<b>DOI 10.22533/at.ed.42421310318</b>	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>288</b>
TURISMO DE COMPRAS NA FRONTEIRA JAGUARÃO-RS/BRASIL E RIO BRANCO/URUGUAI: UMA REFLEXÃO SOBRE IMPACTOS DA COVID-19 NA ECONOMIA	
Caio Lucas Rossi Angela Mara Bento Ribeiro	
<b>DOI 10.22533/at.ed.42421310319</b>	

<b>CAPÍTULO 20.....</b>	<b>298</b>
VIAGENS E TURISMO: EMÍLIA SNETHLAGE E HELOISA ALBERTO TORRES AS CIENTISTAS E VIAJANTES DA AMAZÔNIA DO SÉCULO XX	
Diana Priscila Sá Alberto	
DOI 10.22533/at.ed.42421310320	
<b>CAPÍTULO 21.....</b>	<b>319</b>
O CONCRETO PENSADO: ALGUMAS CATEGORIAS ANALÍTICAS PARA UMA ANÁLISE SOCIOLÓGICA DO FENÔMENO TURISMO	
Hélio Fernando Lôbo Nogueira da Gama	
DOI 10.22533/at.ed.42421310321	
<b>CAPÍTULO 22.....</b>	<b>329</b>
DESVENDANDO EMOÇÕES NO MUSEU GRUPPELLI: BREVES APONTAMENTOS CONCEITUAIS	
José Paulo Siefert Brahm	
Juliane Conceição Primon Serres	
Diego Lemos Ribeiro	
DOI 10.22533/at.ed.42421310322	
<b>SOBRE O ORGANIZADOR.....</b>	<b>344</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO.....</b>	<b>345</b>

# CAPÍTULO 17

## COMUNIDADE QUE SUSTENTA A AGRICULTURA - PERSPECTIVA DO TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA E DA SUSTENTABILIDADE: UM ESTUDO DE CASO DA COMUNIDADE PÉ NA TERRA DE BRASÍLIA

*Data de aceite: 22/03/2021*

*Data de submissão: 04/02/2021*

**Juzânia Oliveira da Silva Brandão**

Mestra em Turismo pela Universidade de  
Brasília

Brasília - DF

<http://lattes.cnpq.br/3565000708470108>

**RESUMO:** O desenvolvimento pautado na sustentabilidade é fator irreversível. O turismo, através de uma abordagem que eleva os aspectos históricos, culturais, ambientais, de determinado destino, aparece muitas vezes como uma alternativa à sustentabilidade numa perspectiva de conservação ou preservação desses aspectos socioambientais naturais. A fim de responder à questão central: caberia às Comunidades que Sustentam a Agricultura (CSAs) implementarem o Turismo de Base Comunitária (TBC) em suas práticas de fomento ao desenvolvimento sustentável? Embasa-se esta pesquisa em um arcabouço teórico sobre o TBC, desdobra-se a práxis da CSA Pé na Terra, por meio do estudo de caso deste grupo de agricultores familiares e, através das lentes da pesquisa qualitativa, evidencia-se que ambas propostas (TBC e CSA) convergem em vários aspectos, facilitando incorporar essa tipologia do turismo no fazer da agricultura familiar que é tão característico das CSAs. Intenciona-se apresentar o contexto do TBC como manifestação social turística e seus conceitos e práticas para que os agricultores das CSAs possam compreender sua extensão e, havendo interesse, encontrem mais uma

opção de prática para ser desenvolvida em seu espaço acompanhando a dinâmica cotidiana do campo, pois essas ações se encontram voltadas à sustentabilidade. O projeto CSA surge sob forma de resposta de algumas comunidades de agricultores familiares que perceberam nesta prática uma alternativa para manutenção e continuidade de suas atividades, além de tornar mais justa a comercialização de produtos agrícolas. As CSAs têm uma forma bem peculiar quanto a ideologias e intencionalidades no manejo e na produtividade, na vida e no cuidado com a terra e, principalmente, nas relações socioambientais. Entende-se que as características particulares das CSAs, suas formas de atuação, comunidade engajada, práticas voltadas às ações que minimizem os danos ao meio ambiente através de uma ética social positiva, constituem fortes atrativos ao que se sintetiza por TBC.

**PALAVRAS - CHAVE:** 1. Turismo de Base Comunitária; 2. Comunidade que Sustenta a Agricultura; 3. Desenvolvimento Sustentável.

### COMMUNITY SUPPORTING AGRICULTURE – PERSPECTIVE OF COMMUNITY BASED TOURISM AND SUSTAINABILITY: CASE STUDY OF THE PÉ NA TERRA COMMUNITY IN BRASÍLIA

**ABSTRACT:** Development based on sustainability is an irreversible factor. Tourism, through an approach that raises historical, cultural, environmental aspects of a given destination, often appears as an alternative to sustainability in a perspective of conservation or preservation of these natural socio-environmental

aspects. In order to answer the central question: would it be up to the Communities that Support Agriculture (CSAs) to implement Community Based Tourism (TBC) in their practices to promote sustainable development? This research is based on a theoretical framework about TBC, unfolds the praxis of CSA Pé na Terra, through this group of family farmers case study and, by the qualitative research lens, it is evident that both proposals (TBC and CSA) converge in several aspects, making it easier to incorporate this type of tourism into the family farming “doing” that is very typical in CSAs. It is intended to present the context of the TBC as a social tourist manifestation and its concepts and practices so that CSA farmers can comprehend its extension and, if interested, find another practice option to be developed in their space, following the daily field dynamics, as these actions are focused on sustainability. The CSA project emerges as a response from some family farmers communities which perceived this practice as an alternative for maintaining and continuing their activities, in addition to make the marketing of agricultural products fairer. CSAs have a very peculiar form in terms of ideologies and intentionalities in management and productivity, in life and care to the land and, mainly, in socio-environmental relations. It is understood that the particular characteristics of CSAs, their forms of action, an engaged community, practices aimed at actions that minimize damages to the environment by a positive social ethics, are strong attractions to what is synthesized by TBC.

**KEYWORDS:** 1. Community Based Tourism; 2. Communities that Support Agriculture; 3. Sustainable Development.

## 1 | INTRODUÇÃO

O turismo surge com a necessidade do “ser” em ultrapassar as linhas do cotidiano, da rotina. Sua principal razão é a de expor este existir a novas experimentações, novas relações, com o outro - social, ambiental, cultural -, ou com ele mesmo, através de retiros e viagens de autoconhecimento.

Derrida (2003, p. 23-25) aborda, também, a questão da hospitalidade, que pode ser uma hospitalidade que exige primeiro o nome, designa quem o hóspede é, qual sua linhagem, mas, também, suscita a questão da hospitalidade absoluta que poderia responder a pergunta acima. A hospitalidade absoluta:

[...] exige que eu abra minha casa e não apenas ofereça ao estrangeiro (provido de um nome de família, de um estatuto social de estrangeiro, etc.), mas ao outro absoluto, desconhecido, anônimo, que eu lhe *ceda lugar*, que eu o deixe vir, que eu o deixe chegar, e ter um lugar no lugar que ofereço a ele, sem exigir dele nem reciprocidade (a entrada num pacto), nem mesmo seu nome.

Esse modo de hospitalidade contraria e confronta todas as leis em nome de um lugar oferecido e guardado ao outro, um espaço em que ele possa “ser” e “fazer ser” na morada de quem lhe recebe, ou, simplesmente, resguarda e acolhe unicamente em nome do bem receber, sem lembrar constantemente ao outro que ele nada mais é senão “o outro”.

A partir desse raciocínio fica mais claro compreender a experiência adotada através

da vivência no TBC, de transformar algo comum em uma experiência extraordinária, ou seja, uma situação corriqueira de uma cena simples em algo divino, espetacular, cabendo ao outro, o estrangeiro, somente o desfrutar de cada momento, tecido dessa vida em comunidade.

O TBC trata de comunidades tradicionais, campesina, evidenciando-se a relação essencial de pertencimento com a terra. A prática da CSA, junto com os demais de sua comunidade da terra (agricultores), percebe-se que, através do TBC, os outros sujeitos (coagricultores e interessados), externos a essa terra, poderiam conhecer e experimentar o valor dessas vivências, dos fazeres e saberes construídos nessa relação.

Acredita-se que as características fundamentais para que aconteça o TBC são os vínculos de comunidade. O mesmo se repete nas CSAs, esses vínculos se moldam ao desenvolvimento local, tendo como pedra fundamental a autogestão dos atores locais embasada nos princípios da sustentabilidade.

O estudo de caso foi realizado na CSA Pé na Terra, os agricultores residem em uma chácara na área rural de Planaltina e seus coagricultores, principalmente, na Asa Sul e Norte de Brasília - Distrito Federal.

## **2 | DO CAMPO CONCEITUAL À PRÁTICA DO TBC**

O Turismo de Base Comunitária se insere no cenário nacional a partir de um mínimo investimento, o que permite que muitas famílias abram suas casas para hospedar turistas, cujo interesse repousa na expressão sociocultural da comunidade em questão. Porém, esquecem-se que no ato de hospedar um estrangeiro, em sua casa - em meio a uma estrutura familiar consolidada - é algo extremamente delicado, ainda mais em comunidades tradicionais que, para manter essa tradição optou-se por um certo grau de “isolamento”.

A forma mais bela de des-cobrir, des-vendar uma cidade se traduz nas palavras de Morin (2013). Para ele, “descobrir uma cidade é primeiramente caminhar por ela, caminhar. [...] Temos que nos apropriar da cidade com os pés.” A forma mais autêntica e singular do homem, erguer-se e medir o mundo com seus passos, um pé atrás do outro.

É no caminhar que desdobramos o caminho por meio de nossos passos e nossos sentidos. Essa é a forma máxima das sensações que o caminho poderá proporcionar ao caminhante, aquele que se deixa guiar por retas e curvas desconhecidas, onde a cada curva há o desvendar de um novo horizonte, possibilidades infinitas de percursos.

Necessita-se mudar essa visão reducionista de que localidades turísticas devem ser planejadas tão somente para agradar, momentaneamente, aos turistas, ao contrário disso, o fenômeno do turismo deve ser desenvolvido de forma harmônica, em lugares que conseguem encantar e acomodar o que dele se molda e é moldado por ele, o filho de sua terra e suas tradições. Pois já se sabe que uma localidade planejada e estruturada para acolher seu morador também estará preparada para acolher seus visitantes, pois está na

existência do lugar a essência da existência do interesse turístico.

Nas práticas de TBC o fazer turismo (planejamento, gestão e prática) se dá por meio da autogestão, onde atores, entes comunitários, atuam efetivamente na realização de práticas turísticas e não somente como coadjuvantes de instituições estrangeiras ao lugar. Essa governança, para ser efetiva, acontece através de associações, cooperativas, entidades sociais e organizações abertas a todos os membros do lugar.

Destaca-se a importância de perceber o turismo como fenômeno social, sendo

[...] uma prática social da vida humana e encontra seu dinamismo enraizado numa experiência da pessoa, do nomadismo e do anseio de separação. O ser humano é movimento, comunicação e presença. O fenômeno turístico como acontecimento forma um sistema aberto e orgânico, uma rede hologramática através de fazeres tecnológicos recheados de um saber próprio, expresso na diversidade cultural histórica geradora de possibilidades, [...] demarcando a diversidade local como atrativo. (Moesch, 2004)

Na complexidade do que se compreende por TBC, incorporam-se diversas práticas turísticas, desde turismo voltado ao social até o de cunho ecológico, dependerá de como a comunidade o organiza, integra e compartilha de sua realidade aos seus visitantes. As experiências que trazem, em sua essência, características inerentes ao universo do TBC – uno e diverso – peculiar de cada comunidade referente.

Comunidades que assimilam o turismo às atividades econômicas da localidade, tendo como foco o desenvolvimento endógeno, a participação comunitária e que perceberam, no Turismo de Base Comunitária, um catalisador para atingir melhores condições de vida aos seus moradores, onde o fator principal da atratividade turística é a extensão da vivência das atividades cotidianas, entre anfitriões e os seus visitantes.

Em Maldonado (2005), o TBC tem raízes no capitalismo e, para desenvolver um turismo mais consciente e sustentável a atender um segmento de mercado, as comunidades se organizam para promover o turismo comunitário. Há também, a eminência de comunidades tradicionais, que por sua forma de organização, atraem visitantes, mesmo sem estrutura turística, acolhendo interessados em seus hábitos e tradições.

Bartholo (*et al.*, 2009, p. 362) descreve o TBC como um modelo alternativo de desenvolvimento turístico que tem por base a autogestão através do associativismo e/ou cooperativismo, e que visa a valorização da cultura local e, principalmente, o protagonismo das comunidades locais, permitindo a apropriação destes dos benefícios advindos do desenvolvimento turístico. Além de incorporar, nesse modelo o intercâmbio cultural entre turista e anfitrião através do modo de viver e de representar o mundo da comunidade local.

Em seu Manual de Ecoturismo de Base Comunitária, a WWF (2003) descreve sobre algumas experiências e, para eles, o turismo comunitário (também aceita a expressão turismo de base comunitária) sendo definido como a prática de turismo onde as sociedades locais possuem o efetivo controle sobre o desenvolvimento e gestão da atividade turística,

sendo que, somente por meio do envolvimento participativo, os projetos turísticos poderiam proporcionar a maior parte dos benefícios às comunidades locais.

O TBC propõe estabelecer que não somente o corpo empresarial, mas toda a comunidade envolvida ou não com o turismo, se beneficiem direta ou indiretamente dos recursos advindos dessa prática, uma vez que as comunidades locais também sofrem os efeitos dos aspectos negativos ocasionados pelo turismo.

Para o Projeto Bagagem o Turismo Comunitário é simplesmente

[...] atividade turística que apresenta gestão coletiva, transparência no uso e na destinação dos recursos, e na qual a principal atração turística é o modo de vida da população local. Nesse tipo de turismo a comunidade é proprietária dos empreendimentos turísticos e há a preocupação em minimizar o impacto ambiental e fortalecer ações de conservação da natureza. (BRASIL, 2010, p. 16).

A RedTurs, por meio de seu coordenador Carlos Maldonado, caracteriza Turismo Comunitário como

[...] toda forma de organização empresarial sustentada na propriedade e na autogestão sustentável de recursos patrimoniais comunitários, de acordo com as práticas de cooperação e equidade no trabalho e na distribuição dos benefícios gerados pela prestação de serviços turísticos. A característica distinta do turismo comunitário é a sua dimensão humana e cultural, vale dizer antropológica, com objetivo de incentivar o diálogo entre iguais e encontros interculturais de qualidade com nossos visitantes, na perspectiva de conhecer e aprender com seus respectivos modos de vida." (Bartholo *et al.*, 2009, p. 31)

A autora Coriolano (2003, p. 41) classifica o TBC como o turismo que

[...] requer o envolvimento de todos, considera os direitos e deveres individuais e coletivos e elaboram um processo de planejamento participativo, desde as tomadas de decisões até a execução das atividades turísticas. É realizado na escala humana. Desenvolve a gestão participativa, na qual a maioria dos atores sociais de uma comunidade se envolve de forma direta e/ou indireta com as atividades desenvolvidas neste lugar, tendo em vista a melhoria da comunidade e de cada um dos participantes.

Com muita frequência, utiliza-se o conceito de Turismo de Base Local (TBL) como se fosse o de Turismo de Base Comunitária (TBC). Essas duas expressões são constantemente confundidas e repetidas. Porém, vale ressaltar que o que é "local" nem sempre é "comunitário".

O TBL está mais ligado aos métodos geradores de capital social, como ações empreendedoras que dinamizam o turismo a partir de inovações de cunho endógeno, inserido em um processo de reterritorialização - "uma realidade territorial nova que se origina da ação e reação contínua de forças internas" (Seabra, 2007, p. 21). Processo este, que "constitui-se, basicamente, a partir da inserção dos sujeitos locais em redes de inovações e criação de externalidades que se agregam e conferem diferentes papéis de

excelência no quadro local-regional”. Esse autor situa o Turismo Rural Comunitário (TRC), como precursor do turismo de base comunitária, tendo origem nos anos 80.

Já o TBC tem origem numa forma autêntica, que se traduz na significação do conceito “comunidade”, ou seja, sua essência está intimamente ligada à compreensão cultural comum a um grupo social e a todos os vínculos partilhados por esse grupo.

Bartholo também cita características de comunidade:

Estabelecer a natureza de ‘*a comunidade*’ implica definir os princípios, valores, normas e instituições que regem a forma de organização e convivência de um determinado grupo humano, que por sua vez os diferencia de outros atores da sociedade. O seu objetivo final é assegurar o bem-estar comum e garantir a sobrevivência de seus membros, preservando sua própria identidade cultural. Na esfera institucional, a comunidade rege-se por normas sociais, econômicas e políticas que regulam os processos de tomada de decisão, alocação de recursos, aplicação de justiça e repressão de delitos. (Bartholo *et al.*, 2009, p. 28)

Ao situar o TBC na atualidade Irving relembra que

Durante muitos anos, a reflexão sobre o turismo de base comunitária, no Brasil, trazia em sua expressão um sentido marginal, periférico e até mesmo romântico, diante das perspectivas de um mercado globalizado ávido por estatísticas e receitas. Nesse período, poucos foram os pesquisadores que se atreveram a mergulhar neste campo de investigação, uma vez que esta marginalidade sutil vinha também impregnada de uma crítica silenciosa de distanciamento da realidade, considerando-se as tendências de políticas públicas, em âmbito nacional e internacional. (Bartholo *et al.*, 2009, p. 108)

Diante à subjetividade - característica intrínseca dos atores sociais, que desenvolvem o TBC, em sua simplicidade - os *valores* sociais e éticos, frutos das relações sociais, se sobressaem aos *lucros*, respeitando a importância deste, como consequência daquele.

O que contribuiu para sua “ressignificação” turística foi a relevância, em proporções de nível global, que os temas de responsabilidade e sustentabilidade social e ambiental alcançaram, e, conseqüentemente, influenciaram nas mudanças no modo de pensar e realizar o turismo. Dessa forma, o que era menos convencional – o simples, o rústico, o natural - ganhou notoriedade, “capazes de viabilizar novas experiências e descobertas para um ‘cidadão global’, em busca de oportunidades de vivências e aprendizagens, para além do ‘cardápio’ de opções disponíveis” (idem, p. 109).

Nesse processo, destaca-se a importância da base endógena na iniciativa e no desenvolvimento do lugar, visto que, o grupo social em questão mantém com o seu território uma relação habitual de dependência e sobrevivência, material e simbólica”. Logo, o TBC não pode ser fruto de uma motivação – motivo, ação – de atores externos, exógenos ao lugar.

### 3 | COMUNIDADE QUE SUSTENTA A AGRICULTURA

Após séculos da primeira Revolução Industrial e de uma sociedade herdeira desse processo, uma parcela, considerável, questiona seu “*modus operandi*”, suas consequências diretas e a responsabilidade de cada indivíduo aos aspectos socioambientais.

Associado a isso estão diversos estudos que descrevem a relação entre práticas alimentares e de convivência a inúmeras doenças e comportamentos nocivos.

Ao mesmo tempo, revela-se de forma cada vez mais clara que os dejetos, as emanações, as sobras de nosso mundo industrial, e a aplicação de métodos industriais à agricultura, à pesca e a criação animal causam prejuízos e poluições cada vez maiores e generalizados que ameaçam a nossa biosfera (Morin, p. 16, 2003).

A partir daí, pensa-se em soluções ao bem-estar e qualidade de vida retomando práticas alimentares mais naturais, orgânicas, integrais, produzidas a partir de uma produção agrícola mais engajada com um desenvolvimento que encontre em suas práticas ações que conduzam à sustentabilidade da biodiversidade.

O projeto Comunidade que Sustenta a Agricultura (CSA) origina-se de uma resposta das comunidades de agricultores familiares como alternativa para manutenção de seu sustento e continuidade de suas atividades. Pois, a cada ano que se passa tem sido mais difícil competir, economicamente, com produtores da agroindústria na comercialização de produtos agrícolas com ideologias e intencionalidades distintas na forma de manejo e produtividade, na vida e no cuidado com a terra e, principalmente, nas relações socioambientais distintas em cada tipo de produção.

Trata-se aqui, por meio do CSA, especificar suas formas de atuação e como tudo isso reverbera na comunidade engajada, nas ações e nos danos ao meio ambiente. Acredita-se que as CSAs promovam, efetivamente, uma mudança social positiva por deter todas as características de um “fazer” do empreendedorismo social por ser um movimento que gera, na comunidade, uma mudança massiva do modo de se alimentar. Desta forma cabe ressaltar suas características, seus princípios e valores.

<b>Redução do desperdício</b>	A colheita é feita especificamente para os membros da comunidade, que os recebe em caixas ou sacolas reutilizáveis.
<b>Respeito a sazonalidade</b>	A partir da ciência do ciclo natural de plantio, estabelece-se uma rotina de produção e colheita, diversificando e respeitando as especificidades de cada alimentos.
<b>Fundo de reserva</b>	Valor mensal reservado para situações emergenciais. Toda comunidade compartilha riscos na produção, insere-se na confecção de soluções e no uso de investimento desse recurso.
<b>Da cultura do preço para a cultura do apreoço</b>	A relação se dá de forma direta entre quem produz – agricultor – e quem financia antecipadamente – coagricultor, tecendo um ambiente onde o agricultor, seguro de seus investimentos, tem maior autonomia, independência e segurança no escoamento de seus alimentos, enquanto o coagricultor, torna-se responsável, junto ao agricultor, dos cuidados e garantia de uma produção orgânica baseada na sustentabilidade socioambiental.
<b>Confiança entre agricultores e coagricultores</b>	Há diversos canais abertos de informações entre agricultores e coagricultores (contato direto nos pontos de convivência, acesso por redes sociais ou telefone, informativos, reuniões semestrais). O intuito é estabelecer uma atmosfera de convívio em comunidade, baseada nas relações humanas através da construção do vínculo e da confiança entre seus membros.
<b>Ponto de convivência</b>	Os agricultores distribuem, semanalmente, os alimentos em pontos pré-estabelecidos, em uma região próxima aos coagricultores, seja de sua residência ou do seu trabalho. Aqui podem trocar receitas, opiniões sobre os alimentos, ou simplesmente, manter um bate-papo descontraído.

Quadro 1: Principais características das CSAs

Fonte: Elaborado pela autora a partir do sítio CSA de Brasília.

Para o CSA Brasília os princípios das são: Produção orgânica local e sem intermediários; Valorização da agricultura familiar; Fortalecimento da agroecologia; Gestão participativa, democrática e rotativa; Cultivo de interações harmônicas; Postura de corresponsabilidade; Promoção de contato dos coagricultores com a terra; e Incentivo da prática da economia associativa. Sendo seus valores: Apoio mútuo; Transparência; Confiança; Criatividade; Diálogo; Corresponsabilidade; Solidariedade e; Integração.

Diante do momento atual, percebe-se a necessidade de empoderamento de agentes proativos, criativos respaldados na empatia e na reflexão constante das responsabilidades individuais e coletivas que trabalhem em busca de uma sociedade mais igualitária através de transformações sociais positivas e que se insira nesse contexto suas relações e trato com os aspectos da biodiversidade.

Sabe-se que sempre houve empreendedores sociais, porém, com denominações, talvez, não especificadas uma vez que muito dos movimentos sociais precedem os seus conceitos. No decorrer da construção do conceito clássico de empreendedor observa-se que o empreendedor organiza recursos, seu dinheiro, bens, terras, pessoas com fins de obter melhor resultado material de acumulação infinita de riquezas individual, isentos de aspectos éticos e morais em suas atividades (Anastácio *et al.*, 2018).

Na recolocação do termo desenvolvimento como um processo que busque na sustentabilidade, socioambiental e econômica, respostas de ações positivas, rompe-se a paridade desenvolvimento e crescimento ao perceber que este último se baseava,

principalmente, em indicadores econômicos para atestar o bem-estar social.

O projeto CSA tem potencial para provocar a reflexão sobre o turismo como experiência de transformação de hábitos, de preservação e de responsabilidade socioambiental com vistas na sustentabilidade uma vez que várias ações podem ser desempenhadas neste curso.

#### **4 | A EXPERIÊNCIA DA VISITA AO CSA PÉ NA TERRA**

No dia 04 de maio de 2019, houve uma visita aberta a comunidade Pé na Terra, estavam presentes idosos, adultos, adolescentes e crianças, homens e mulheres. A programação foi: das 9h às 11h – visita guiada às agroflorestas da chácara Pé na Terra; das 11h às 13h – Roda de conversa sobre a CSA e as vivências de cada participante na comunidade. Embora não tenha terminado por aí, após o almoço muitas famílias continuaram na chácara desfrutando do espaço e das companhias. Em um momento na hora do almoço uma agricultura falou “eu gostaria de ter nascido e crescido dentro de uma CSA”, ela estava fazendo menção à uma filha de uma coagricultora, de 4 anos que, desde que nasceu, alimenta-se, nutre-se dos alimentos e do convívio estabelecido entre pessoas que pensam e realizam ações voltadas aos aspectos socioambientais.

O espaço bucólico associado a hospitalidade dos anfitriões desperta o desejo de cooperação e integração no que tange as práticas cotidianas. Nas crianças, o lugar aflora inúmeras curiosidades, uma vez que se trata de um espaço bem diferente do seu habitual. Em meio a visita os anfitriões estimulavam o contato direto com a natureza. Direcionando olhares, instruindo afazeres, despertando percepções antes dormentes aos visitantes.

O objetivo proposto pelos anfitriões, agricultores, era proporcionar aos coagricultores um pouco da vivência da chácara, rotinas, apresentar locais de plantações, colheitas, além da experiência, ímpar, de poder desfrutar de um espaço de “con-viver”, “com-partilhar” o fazer em “con-junto”, em “comum-unidade” dos agricultores e coagricultores. Momento de trocas de receitas, experiências, expectativas, conquistas, dificuldades, ou simplesmente de contemplação.

O sentimento de pertença é comum no diálogo dos coagricultores participantes, assim como o de acolhimento dos agricultores. As histórias contadas de inúmeras e tocantes pessoas que tiveram seu modo de viver e ver a relação com o outro e com o meio ambiente através da CSA são as mais diversas. Um agricultor usa a frase “a mudança que acontece da boca pra dentro”, pra tentar mensurar como que o simples hábito de participar de uma comunidade que compreende a importância do alimento, deste seu processo físico, rico em energia e nutrientes, ao processo ideológico, pois se alimentar requer boas sementes, boa terra, cuidados, pessoas que, por meio de seu esforço físico, colhem pensando nos mais diversos lares que receberão aqueles alimentos, preocupado com suas ações benéficas ou danosas ao meio ambiente. Pessoas que tecem suas relações estruturadas a partir de

bases construídas para e por pessoas que pensam suas atitudes e ações, e como essas se reverberam no meio em que está inserido. Aqui a pluralidade cede lugar ao acolhimento, a diversidade tem espaço e voz, o múltiplo se torna um.

A percepção de participação de algo muito maior que cada um é evidente, sintetizando que a soma das partes é muito maior que o todo, onde a opinião e as ações de cada um e do grupo reflete e reverbera diretamente nessa rede de impactos socioambientais positivos.

A reflexão é constante, a busca por sentido e propósito nas práticas cotidianas é algo que se torna parte da rotina diária. Como exemplo pode-se citar a mais recente edificação na chácara que foi feita através da técnica da bioconstrução usando tecnologias de mínimo impacto ambiental.

Em uma breve conversa com uma agricultora, uma das proprietárias da chácara, durante a visita guiada, foi mencionado sobre o interesse dos agricultores em abrir a chácara aos visitantes. Pois perceberam o potencial que as CSAs têm e que podem atuar na educação ambiental, na prestação de cursos ou palestras, ou simplesmente, na vivência em contato com o meio rural, seja na interação social, seja na ambiental. Neste momento sugeriu-se que verificassem a compatibilidade de interesse do grupo das CSAs, suas práticas e vivências junto ao Turismo de Base Comunitária, uma vez que o mesmo ressignifica as concepções e abordagens de forma mais próxima a realidade dessa comunidade.

De acordo com o informativo produzido e divulgado pela CSA – informativo 1/2019 – o perfil de sua comunidade é:

- Teve início de sua formação em março de 2016;
- Composta por, aproximadamente, 200 pessoas – coagricultores e seus familiares;
- Há quatro pontos de convivência no Plano Piloto de Brasília;
- Principais motivações para estar inserido na vivência da CSA:
  1. Ter acesso a alimentos orgânicos por um valor justo;
  2. Querer melhorar a alimentação;
  3. Desejar conviver com agricultores no campo e com outras famílias da cidade que apoiam a CSA;;
  4. Ter vontade de aprender sobre agroecologia, agroflorestas e sustentabilidade.

O conceito de CSA ainda é bem recente, encontra-se em formação pelas dinâmicas distintas de cada CSA. É certo que as CSAs surgem de um movimento autêntico que busca, através do alimento, tecer uma nova forma de interrelação socioambiental resgatando a essência

## 5 | METODOLOGIA

A primeira etapa do caminho metodológico se deu com levantamentos bibliográficos e documentais dos principais conceitos de TBC, no Brasil, e das práticas de CSAs concebidas em Brasília, mais precisamente na Chácara Pé na Terra, localidades selecionadas como objeto deste estudo. Também, foi utilizada a pesquisa exploratória, ao investigar determinadas questões relacionais entre o TBC e suas similaridades e à CSA.

Para o estudo do tema deste trabalho de cunho qualitativo recorreu-se: às técnicas de grupos, para lidar com a dimensão coletiva e interativa da investigação; técnicas de registro, de processamento e exposição de resultados; levantamento de informações através de técnicas de entrevista informal. Basicamente, a pesquisa qualitativa é aquela que busca entender um fenômeno específico, em profundidade. Além disso, agrega um conjunto de diferentes técnicas interpretativas, que visam descrever e decodificar os componentes de um sistema complexo de significados, atendendo melhor aos objetivos propostos.

O estudo do fenômeno turístico encontra no campo qualitativo a possibilidade de compreensão aprofundada de seu objeto, colaborando para a consolidação científica do turismo, no meio acadêmico, em contraponto às pesquisas quantitativas desenvolvidas, em grande parte, nos trabalhos da área, pois se reconhece que, a discussão em torno do campo qualitativo pode ser incentivada para respaldar a compreensão dos fenômenos sociais. Como técnica de análise dos dados qualitativos se adotou a análise de conteúdo (Gerhardt, & Silveira, 2009, p. 84), que, do ponto de vista operacional, analisa o conteúdo de falas por meio de transcrição de entrevista, depoimentos e documentos.

Segundo Triviños (1987, p. 132), na pesquisa qualitativa, as variáveis são descritas e seu número pode ser grande, ao contrário do que apresenta o enfoque quantitativo, através do qual se preocupa com a medida delas e a verificação empírica das hipóteses. Complementa o método descritivo, onde pesquisador procura, principalmente, descrever as características de um determinado fenômeno ou população ou, ainda, estabelecer as relações entre as variáveis do fenômeno estudado.

Nesse contexto, a escolha de uma metodologia com o papel de “bússola” para orientação acerca da estrutura, assim como, para o controle dos métodos e técnicas utilizadas pelo pesquisador torna-se uma condição fundamental e essencial para a pesquisa. Isso tudo, considerando a importância do processo de reflexão teórica e análise da realidade prática, para o processo científico. A dialética, entre teoria e prática, conduz a inovação essencial das ciências, fundamental para a proposta de estudo, aqui, apresentada.

## 6 | CONCLUSÃO

O TBC tem como um de seus predecessores o Turismo Rural Comunitário o que dá base e estrutura às CSAs como perfil perfeito para a aplicação da prática turística em

seus espaços uma vez que ambos compartilham do mesmo *modus operandi* e contexto ideológico.

Em meio a tantos encontros e desencontros das grandes cidades modernas em busca do reconhecimento, destaque, pessoas alheias a essa realidade escolhem pertencer a um universo em que o todo é maior que a soma das partes. Aqui, a liberdade individual cede lugar à proteção da constituição de um todo, expressão da vida orgânica, íntima. Essa união se dá por meio da proximidade, do face-a-face, compartilhando um mesmo espaço de códigos e linguagens em que há uma significação comum (comunicação), através do sentimento afetivo ou tradicional, laços de sangue ou de escolha. É nesse território fértil que brota o sentimento de comunidade, fortalecimento de identidades.

Cria-se uma atmosfera de comunidade, de confiabilidade e de interação, desenvolvendo nos envolvidos deste grupo uma sensação de pertencimento, de corresponsabilidade tanto pelas práticas ali estabelecidas em seu contexto como no reflexo que essa interação semeia nos afazeres cotidianos do grupo, seja no espaço urbano, seja no espaço rural. A seguir, destaca-se os fatores essenciais ao conceito de comunidade presentes na CSA Pé na Terra.

<b>Elementos</b>	<b>Descrição</b>
Territorialidade	Toda comunidade se constitui a partir de uma base territorial - espaço, físico ou simbólico - berço e cenário da vida em conjunto, da herança social da mesma, ou seja, aquilo que constitui a noção de lugar. Essas características fazem, do território, o elemento estrutural do fenômeno turístico.
Vínculos	Laços de escolha naturais expressos na vontade, na comunhão, na partilha de ideais e, principalmente, no sentimento de pertença da constituição de um todo formulado e formulador de uma memória coletiva.
Ausência de dominação	A comunidade por mais múltipla e variada que seja, em suas articulações, nenhum grupo parcial pode exercer uma relação de dominação aos demais, já que o patrimônio cultural, presente na mesma, existe de forma total e intacta em cada membro.
Comunas	Seria, em certo grau, uma forma de resistência coletiva, diante das demais formas múltiplas de opressão externa, além de ser uma tentativa de manutenção da herança social – linguagem, símbolos, leis e costumes – da comunidade em questão.
Autossuficiência	Relações sociais constituem ações sociais inspirados pelo sentimento de afeto ou de tradição dos membros, constituindo assim, “um todo”. Dessa forma, a comunidade atende às necessidades básicas e oferece as atividades essenciais aos seus membros. A partir daí, nasce a heterogeneidade, pois cada comunidade, movida por essas relações subjetivas e ações próprias criam situações distintas, cada uma a sua maneira.
Coexistência	Possibilita as relações, tanto face-a-face como à distância, encontrando no sentimento de pertença, o elo substancial para a existência e duração dessas relações.

Quadro 2 – Elementos essenciais ao conceito de Comunidade

Fonte: Elaborado pela autora.

Para compreender uma comunidade genuína é preciso pensar para além de sua contribuição como cenário ao turismo; é tentar entender sua dinâmica social, seus valores e saber que, ali, existem fragilidades que merecem atenção e cuidado com sua abertura ao turismo; é entender a importância que essa comunidade representou aos seus antepassados, representa aos seus contemporâneos e representará aos seus sucessores; é construir, assim como se faz com reservas ambientais, aparatos que protejam e legitimem essas comunidades e seu patrimônio cultural comum. Dessa forma, criou-se um cenário de como o TBC pode atuar:

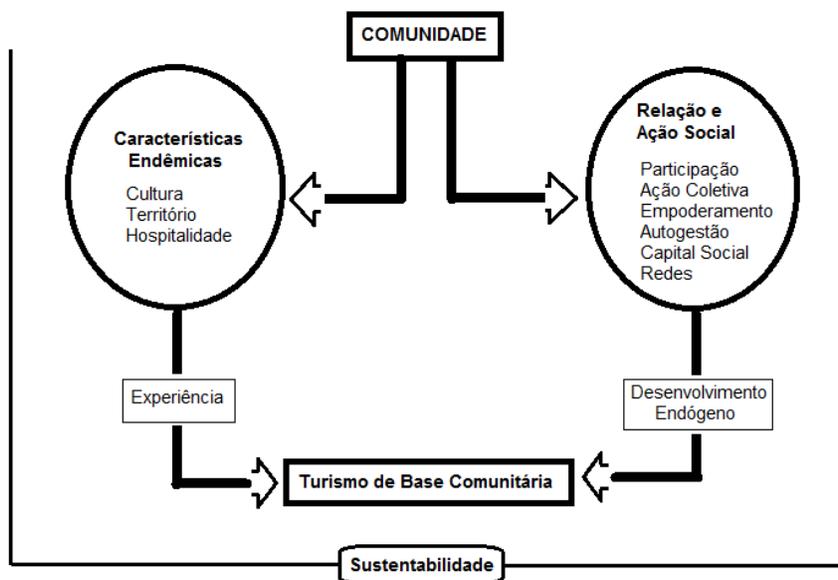


Figura 1 - Cenário de atuação do TBC

Fonte: Elaborado pela autora.

A imersão da vivência em uma CSA reverbera de uma forma a modificar hábitos e contribui, significativamente, para trazer a luz, a partir da constante reflexão, sobre o ser cidadão, sobre sua atuação e as respectivas consequência ao meio em que está inserido.

Assim, acredita-se que as CSAs têm um enorme potencial como desenvolvedoras da educação ambiental, pois percebe-se a frequente busca pelo saber e pela ciência às respostas do cultivo e no manejo de suas produções e as relativas inferências com a biodiversidade do lugar. São inúmeras as expressões de criatividade e potencialidade de transformação ao reconhecer que se convive em um contexto, e que este é construído por e para todos os seus, tornando mais fluido a percepção, o grau de responsabilidade individual

diante do coletivo, e vice-versa. E, através de suas práticas, todo esse conhecimento e desejo de um desenvolvimento que seja sustentável, com impacto socioambiental positivo.

O TBC se constitui, principalmente, a partir da existência do patrimônio imaterial, que

Antes de mais nada, repousa sobre as capacidades expressivas e cooperativas que não se podem ensinar, sobre uma vivacidade presente na utilização dos saberes e que faz parte da cultura do cotidiano. (GORZ, 2005, p. 20).

Onde sua “produção” se realiza sobre o alicerce de uma cultura comum transmitida pela socialização primária, de saberes e conhecimentos comuns. Cabe ressaltar que, devido à heterogeneidade e dinâmica que constitui uma comunidade, não há moldes ou modelos que deem conta de cristalizar o TBC. Neste contexto torna-se imprescindível desvincular a ideia minimalista de que o progresso, o desenvolvimento esteja atrelado a fatores meramente econômicos, pois essas comunidades têm muito mais a contribuir por meio de seus valores construídos a partir de suas relações com o “outro”, social ou ambiental.

Adotar o TBC como catalisador ao desenvolvimento endógeno, à consolidação da participação comunitária gerando melhores condições de vida aos seus, onde o fator principal dessa atividade turística é a extensão da vivência das atividades cotidianas, entre anfitriões e os seus visitantes, entende-se com um processo orgânico e fluido para se atingir o desenvolvimento sustentável, originando-se desde a práxis do semear o alimento até o pensar a complexa interrelação entre o indivíduo pensante e o entendimento da relevância da biodiversidade à sobrevivência, à convivência. Resignificando a conexão entre os seres sociais e reestruturando, de forma dialética, a ética existente entre o homem e o meio ambiente.

## REFERÊNCIAS

ANASTÁCIO, Mari Regina; CRUZ FILHO, Paulo; MARINS, James (Orgs.). ***Empreendedorismo social e inovação no contexto brasileiro***. Curitiba: PUCPRESS, 2018.

BARTHOLO, Roberto; SANZOLO, Davis; BURSZTYN, Ivan (Orgs.). ***Turismo de Base Comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras***. Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2009.

Brasil. ***Dinâmica e diversidade do Turismo de Base Comunitária: desafio para a formulação de política pública***. Brasília: Ministério do Turismo, 2010.

CORIOLOANO, Luzia Neide; LIMA, Luiz Cruz. (Orgs.). ***Turismo comunitário e responsabilidade socioambiental***. Fortaleza: EDUECE, 2003.

*Comunidade que Sustenta a Agricultura*. Recuperado em 29 de abril, 2019, de <https://csabrasilia.wordpress.com>

DERRIDA, Jacques. **Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar da Hospitalidade** / Jacques Derrida [entrevistado]; Anne Dufourmantelle; tradução de Antonio Romane; revisão técnica de Paulo Ottoni. – São Paulo: Escuta, 2003.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. (Orgs.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GORZ, André. **O imaterial: conhecimento, valor e capital**. Tradução de Celso Azzan Júnior. São Paulo: Annablume, 2005.

MALDONADO, Carlos. **Pautas metodológicas para el análisis de experiencias de turismo comunitario** in SEED: *Documento de trabajo número 73, OIT, 2005*.

Moesch, Marutschka. Martini. **A epistemologia social do turismo**. Tese de doutorado – ECA, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil, 2004.

MORIN, Edgar; WULF, Christoph. **Planeta: a aventura desconhecida**. Tradução Pedro Georgen. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

MORIN, Edgar. (2013). **Mínimas metragens**. Recuperado em 27 de junho, 2019, de [www.fronteras.com](http://www.fronteras.com).

SEABRA, Giovanni (Org). **Turismo de Base Local: identidade cultural e desenvolvimento regional**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2007.

TRIVINOS, Augusto. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

WWF. MITRAUD, Sylvia. (Org.). **Manual de Ecoturismo de Base Comunitária: ferramentas para um planejamento responsável**. Brasília: WWF Brasil, 2003.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Acessibilidade 8, 3, 12, 20, 29, 127, 131, 195, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 284, 285

Aracaju Walking Tour 123, 124, 131, 132

### B

Base de dados 78, 190, 205, 206

Big Data 8, 190, 191, 192, 195, 196, 197, 199, 200, 201, 205, 206, 207, 208, 209, 210

### C

Cartografia 7, 177, 178, 179, 183, 184, 185, 187, 188

Cibermusealização 6, 73, 76, 77, 82

Corumbau 8, 121, 247, 248, 249, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261, 327

### D

Desenvolvimento Socioeconômico 38, 39, 42, 52

### E

Embratur 7, 24, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 106, 107, 108, 193

Epistemologia 108, 109, 110, 262, 277, 305, 317

Espacialização 178, 181, 189, 324

Estâncias Turísticas 23, 24, 28, 31, 32, 34, 35

Estruturação dos destinos 38, 39, 51

Ética 9, 21, 49, 120, 121, 135, 137, 140, 141, 142, 263, 276

### F

Foz do Iguaçu 8, 190, 191, 192, 193, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210

Free Walking Tour 123, 124, 129, 130, 131, 133

### G

Gestão 3, 23, 25, 27, 30, 31, 35, 38, 39, 40, 43, 44, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 82, 111, 115, 119, 130, 150, 153, 154, 174, 175, 178, 179, 180, 183, 184, 185, 187, 190, 192, 195, 196, 197, 199, 201, 205, 206, 207, 208, 209, 211, 231, 232, 236, 239, 240, 241, 244, 245, 246, 266, 267, 270, 281, 286, 287, 288, 311, 315, 316, 319, 320

## H

Hospitalidade 7, 67, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 118, 119, 121, 135, 136, 137, 140, 141, 142, 144, 145, 148, 149, 150, 151, 154, 175, 247, 248, 264, 271, 277, 296, 319, 320, 326

## I

Imaginário 3, 4, 21, 61, 95, 96, 102, 103, 105, 106, 107, 108, 114, 116, 118, 119, 298, 301, 314, 319, 324, 326, 332, 340

Internet 78

## L

Legislação 23, 24, 25, 27, 28, 30, 31, 35, 36, 38, 40, 41, 44, 47, 48, 51, 72, 140, 207, 211, 283, 321

Lei Geral do Turismo 6, 38, 39, 40, 41, 45, 47, 50, 54, 178

## M

Marketing turístico 7, 95, 96

Mulata Exportação 95, 103, 106

Mulher Brasileira 7, 95, 96, 97, 99, 101, 102, 103, 105, 106, 108

Musealização 78

Museologia 78

Museu da Pessoa 73, 77, 78, 79, 80, 83

Museu das Coisas Banais 73, 79, 80

Museu Virtual 73, 76, 77, 78, 79, 80, 82

## O

Objeto museológico 6, 73, 74, 77, 78

## P

Patrimônio 78

Patrimônio Histórico 8, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 220, 222, 226, 227, 228, 310

Pessoa com deficiência 211, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 222, 223, 224, 226

Planejamento Turístico 53, 54, 126, 129, 188, 278

Política Nacional de Turismo 6, 38, 40, 44, 45, 47, 48, 50, 51, 53, 96, 97, 128, 193

Políticas públicas de turismo 23, 24, 25, 26, 30, 32, 35, 36, 44, 49, 51, 52, 108, 134, 202

Programa de Regionalização do Turismo 38, 39, 41, 49, 52, 128, 134

Progresso 8, 124, 133, 217, 247, 248, 249, 251, 258, 259, 261, 276

## R

Receita média 7, 152, 155, 160, 161, 162, 163, 165, 166, 167, 171

Recursos Financeiros Turísticos 23

Resorts 7, 24, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176

Roteirização Turística 123, 126, 128, 134

## S

Sociologia 14, 70, 109, 110, 111, 112, 113, 121, 122, 319, 320, 326, 328, 329, 331, 337, 338, 339, 341, 342

Sustentabilidade 8, 38, 49, 52, 59, 118, 121, 126, 195, 232, 241, 246, 247, 249, 258, 261, 263, 265, 268, 269, 270, 271, 272, 280, 281, 286, 327

## T

Taxa de ocupação 7, 152, 155, 156, 160, 161, 162, 163, 165, 166, 167, 171

Teatro Amazonas 8, 211, 212, 213, 214, 217, 218, 220, 221, 222, 223, 224, 226, 227, 229

Tecnologia 6, 7, 83, 129, 146, 187, 190, 195, 196, 199, 207, 213, 288, 317, 325

Terrorismo 12, 136, 137, 145, 146, 147, 148, 150

Tolerância 130, 135, 136, 140, 141, 142, 144, 149, 150, 151

Trevpar 7, 152, 155, 158, 159, 160, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172

Turismo 2, 5, 6, 7, 8, 9, 1, 2, 3, 4, 6, 9, 11, 12, 16, 17, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 34, 35, 36, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 144, 145, 146, 147, 149, 150, 153, 157, 171, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 195, 196, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 207, 208, 209, 210, 211, 213, 214, 215, 220, 224, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 241, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 257, 258, 261, 262, 263, 264, 265, 266, 267, 268, 271, 272, 273, 275, 276, 277, 278, 279, 280, 281, 282, 284, 285, 286, 287, 288, 289, 290, 291, 292, 293, 294, 295, 296, 297, 298, 299, 300, 301, 302, 303, 304, 305, 306, 308, 310, 311, 312, 313, 314, 315, 316, 317, 319, 320, 321, 322, 323, 324, 325, 326, 327, 328, 344

Turismo Comunitário 234, 236, 244, 245, 266, 267, 276

Turismo de Base Comunitária 8, 230, 231, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 241, 243, 244, 245, 263, 265, 266, 267, 268, 272, 276

Turismo de interesses especiais 6, 55, 56, 57, 59, 60, 68, 69

Turismo em áreas naturais 278

Turismo Rural 55, 61, 62, 63, 64, 65, 67, 69, 70, 72, 241, 245, 246, 268, 273, 278, 284, 285, 286, 287, 290

Turismo Sustentável 8, 175, 195, 232, 249, 278, 279, 280, 282, 285, 286

Turismo Virtual 1, 2

Turista Híbrido 7, 109, 319

# Turismo, Cidades, Colecionismo e Museus

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 

 **Atena**  
Editora

Ano 2021

# Turismo, Cidades, Colecionismo e Museus

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 

 **Atena**  
Editora

Ano 2021